

Evolução política e econômica mundial no período das duas grandes guerras

Semí Cavalcante de Oliveira*

Resumo

O presente artigo busca historicizar a economia mundial relativa ao período de 1885 a 1950, ou seja, o período das duas grandes guerras. Analisando o recorte temporal estabelecido, observaremos a influência da economia na política e na diplomacia e vice-versa, buscando remontar o complexo e conturbado cenário desse período. Baseado nestes estudos, veremos também que toda ação empreendida nesse espaço temporal implica uma reação em nosso tempo presente, desde a divisão mundial em dois blocos econômicos até a situação de extrema pobreza em que vivem alguns dos países do antigo Terceiro Mundo.

Palavras-chave: guerras mundiais; economia mundial do século XX; diplomacia mundial.

Abstract

This article aims to historicize the world economy in the period of 1885 to 1950, in other words, the period of the two Great Wars. Analysing the established time cut, we will see the economic influence in politics and diplomacy and vice-versa, so as to reestablish the complex and disturbed scenario of this period. Based on this study, we see that each action in the past results in one reaction in the present, since the division of the world in two opposite economic blocks and the extreme poverty of the once called Third World.

Key words: world wars; world economy of the XX century; world diplomacy.

* Bacharel em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em História Política pela UFPR e professor da FAE Business School.
E-mail: semico@bomjesus.br

Contexto mundial do final do século XIX

Entre 1884-85, em Berlim, os países europeus se reuniram para definir as políticas que ditariam a navegação, o comércio e os limites de fronteiras na África. Estavam sendo estipuladas as regras que regeriam o sistema imperialista, recentemente colocado em prática. Rússia e Japão não participaram da conferência, e os EUA, apesar de participarem, nada obtiveram. A Europa Ocidental ainda ditava os rumos da política e da economia mundial.

Ninguém poderia prever que

(...) dentro de mais três décadas – prazo realmente curto nos parâmetros do sistema de grandes potências – o mesmo continente da Europa se encontraria dilacerado, e vários de seus membros se aproximariam do colapso. Mais outras três décadas, e o fim teria sido completado: grande parte do continente estaria economicamente devastado, parte dele em ruínas, e seu futuro nas mãos dos responsáveis pelas decisões em Washington e Moscou (KENNEDY, 1989, p.192).

Duas realidades bastante distintas estavam se apresentando no final do século XIX na Europa: as potências em formação, como a Itália e a Alemanha, e, na Ásia, o Japão, buscavam o crescimento para se firmarem no cenário mundial; e, para as potências já consolidadas, como Inglaterra, França e Áustria-Hungria, importava manterem-se à frente daquelas. Neste contexto, inicia-se a corrida imperialista, onde todas as potências buscavam territórios ultramarinos para se destacarem no cenário mundial, como a França com seus territórios africanos e a Inglaterra com seu império global.¹

A Alemanha, recém-unificada sob as mãos de Bismarck, lançava-se à conquista de fornecedores de matérias-primas para suas indústrias, de mercado consumidor e de afirmação. Após derrotar a França na guerra franco-prussiana (onde conquistou os territórios

da Alsácia e Lorena), mostrava-se como uma potência emergente no centro geográfico europeu, incomodando as outras potências, principalmente sua vizinha França. Tendo como base de sua formação a tradicionalmente militarista Prússia, e com a indústria armamentista alemã crescendo, era natural a preocupação das outras potências com suas tendências imperialistas. Data desse período também a ascensão das idéias pangermanistas e da natural sublevação dos povos em favor dos alemães.

Os nacionalismos ganham força nesse período. Em Estados como a Alemanha, Itália, Inglaterra e França, ele serviu para unir o povo ainda mais em prol de uma nação forte e hegemônica perante as demais, sendo um fator preponderante no crescimento desses países. Já em casos como a Áustria-Hungria e a Bélgica, serviu para desestabilizar ou mesmo separar seus Estados.

A Bélgica, há muito subjugada pelos holandeses, utilizou-se do nacionalismo para tornar-se independente. A Áustria-Hungria, formada por diversas nacionalidades compactadas em suas fronteiras, viu no nacionalismo sua ruína. Formada por etnias variadas, como romenos, tchecos e eslovacos, recebia destas regiões

¹ É importante neste ponto atentarmos para a natureza do Neocolonialismo, a partir do qual a Inglaterra consolidou seu império. O processo neocolonialista do final do século XIX mostrou-se uma necessidade para as grandes potências sustentarem suas indústrias, através da busca de matérias-primas em novos territórios, a baixo custo de extração, e também para expandir seus mercados consumidores. Prova disto é o avanço inglês sobre o mundo: a ilha britânica encontrou grandes fornecedores de matéria-prima para suas indústrias na Austrália, na Índia, na África e até mesmo no Golfo Pérsico. Os franceses encontraram na Argélia o local ideal para aprimorar sua produção vinícola com baixos custos de mão-de-obra. Portanto, a busca pela exploração de outras nações norteou os Estados europeus nesta empreitada, levando a Europa ao apogeu de sua economia e os explorados, em sua grande maioria, a uma posição secundária no mercado internacional, posição que mantém até hoje.

protestos constantes contra o domínio da monarquia dual. Sob a ameaça de tornar-se também parte do império austro-húngaro, a Sérvia viu o nacionalismo crescer, o que levou ao assassinato, em 1914, do príncipe herdeiro austríaco Francisco Ferdinando, em Sarajevo. Era o estopim da Primeira Guerra Mundial.

Os nacionalismos constituíram fator de união e de separação dos Estados Europeus no século XIX

Com a declaração austro-húngara de guerra contra a Sérvia, ativou-se a corrente de alianças entre as potências. Dessa forma, Áustria-Hungria, Alemanha e Itália (até 1915) se posicionaram contra França, Inglaterra e Rússia. Seguindo estas alianças, os países se lançaram à guerra.

Posicionamento dos países no pré-guerra

A Áustria-Hungria, apesar de ter uma população respeitável, materiais combustíveis em quantidade razoável e uma indústria em desenvolvimento, era, das potências concretas, a mais decadente. O principal fator desta decadência era a grande quantidade de etnias existentes no interior do império, o que fez, por exemplo, com que o governo “publicasse a ordem de mobilização dos exércitos em quinze línguas”. (KENNEDY, 1989, p. 212). Essa enorme quantidade de etnias, aliada à má distribuição de renda, causava conflitos que desestabilizavam o governo. Ainda existiam os atritos entre as bases da monarquia dual, Áustria e Hungria, que se mostravam cada vez mais freqüentes,

anunciando a divisão do Império. A única instituição que o unificava ainda era o Exército, e a vitória na guerra mostrava-se necessária para sua sobrevivência.

A Alemanha despontava como potência recém-consolidada e, principalmente, entusiasmada com seu nacionalismo e a recente vitória sobre a França. Os alemães viam sua economia se inserir e tomar lugar de destaque no capitalismo industrial, participando da corrida imperialista em busca de matérias-primas. Seu desenvolvimento industrial já se comparava ao inglês, mas o mercado interno ainda dependia de importações de vários gêneros; contudo, a indústria bélica se mostrava fortíssima. Era a potência melhor preparada da Tríplice Aliança.

Pela Tríplice Entente, esta posição pertencia à Inglaterra, dona de um império global e precursora da Revolução Industrial, que inseriu o mundo no capitalismo industrial. Manteve-se como centro econômico, tendo o mercado em suas mãos. A indústria bélica, principalmente a marinha, era evoluída; além disso, seu império garantia a auto-suficiência quanto ao combustível, principalmente o carvão e o petróleo na Índia e no Oriente Médio. Apesar disso, em 1912, a Inglaterra já estava atrás de EUA e Alemanha na industrialização. O medo de uma crise financeira relativa ou generalizada que desestabilizasse o império e o tornasse sujeito a invasões terrestres das outras potências era cada vez mais presente. Contudo, a posição do centro do império dava tranqüilidade à população, ficando a ilha livre das invasões.

Nas várias décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, portanto, a Grã-Bretanha viu-se alcançada industrialmente pelos Estados Unidos e Alemanha, e sujeita à intensa concorrência nas esferas comerciais, colonial e marítima. Não obstante, sua combinação de recursos

financeiros, capacidade produtiva, possessões imperiais e força naval significavam que ela ainda era provavelmente a potência mundial “número um”, mesmo que sua liderança fosse menos acentuada do que em 1850. Mas essa posição de “número um” era também o problema britânico essencial. A Grã-Bretanha era agora um estado maduro, com interesses na preservação das disposições existentes ou, pelo menos, numa modificação lenta e pacífica das coisas. Ela combateria por certos objetivos óbvios – a defesa da Índia, a manutenção da superioridade naval especialmente nas suas águas territoriais e provavelmente também pela preservação do equilíbrio europeu das forças (...) (KENNEDY, 1989, p. 226).

A Rússia aparecia como potência, bastando para isso sua extensão e população. Além disso, sua indústria e produção de ferro e carvão cresciam consideravelmente. Aumentava também sua malha ferroviária, que, às vésperas da Primeira Guerra, encontrava-se com quase 75 mil quilômetros de extensão. O comércio exterior dominou a Rússia, e, com a adesão ao padrão-ouro, o volume de negócios triplicou, levando-a à posição de sexta maior nação comercial do mundo. Esse desenvolvimento aparente era sustentado pela contração de uma altíssima dívida externa (a maior do período) e um desemprego relativo. Com seu vasto território, predominantemente rural, conquistado ao longo de quatro séculos de regime czarista, a Rússia contava com o maior exército do mundo, o que preocupava principalmente a Alemanha, que lutaria em dois fronts.

As grandes potências chocam-se econômica e diplomaticamente: é o início da Primeira Guerra Mundial

Os Estados Unidos apareciam com a maior renda nacional, a segunda maior população e a maior renda per capita dentre as potências em 1914. Tornados na “polícia da América Latina”,

supostamente defendendo os interesses e integridades nacionais, os Estados Unidos contavam com uma economia forte e em ascensão, e uma indústria bélica em desenvolvimento, mas já bastante poderosa.

A Primeira Guerra Mundial e suas conseqüências

O conflito iniciado em 1914 modificou todo o panorama político-econômico mundial. Convencionalmente dividiu-se a guerra em dois momentos: a guerra de movimentos, período de preparação das invasões, e a guerra de trincheiras, caracterizado pelo pouco avanço de ambos os lados. A equivalência de forças nesse período já deixava claro o futuro decadente da Europa (ou de pelo menos metade dela). Os esforços de guerra, racionamentos e economias, motivados pelos bombardeios e destruição da estrutura européia, causavam a miséria social. Países periféricos aproveitaram-se dessa situação para promover sua primeira revolução industrial, como o caso brasileiro, motivado pelo apogeu da cultura cafeeira. Os EUA, com a política de neutralidade de Wilson, produziam e vendiam armamentos e gêneros para os países da Entente.

Enquanto na frente ocidental a luta estava equilibrada nos primeiros anos de guerra, na frente oriental os impérios centrais conquistavam seguidas vitórias. A Alemanha avançava contra a Rússia e o Império Austro-húngaro neutralizava a Itália. As constantes derrotas russas aceleravam a derrocada do regime dos czares. Internamente o país se dividia numa guerra civil que só terminaria em 1917, com a ascensão de Lênin e dos bolcheviques ao poder, a instauração de um regime socialista e a assinatura em separado da paz com a Tríplice Aliança.

Com o front oriental livre e todas as suas forças voltadas para o ocidente, era de se esperar a vitória dos aliados. Porém, ainda em 1917, em sua busca pela superioridade marítima, os submarinos alemães afundaram o Lusitânia, transatlântico americano. Sob esse pretexto, os americanos entraram efetivamente na guerra, reforçando o contingente da Entente. A partir deste acontecimento os aliados perderam a pequena superioridade que tinham até então.

A produção industrial americana batia recordes atrás de recordes para sustentar seus aliados e suprir a necessidade de armamentos. Sem sofrer bombardeios em seus complexos industriais, ao contrário dos europeus, os americanos puderam, pouco a pouco, tornar-se a carta principal no jogo da guerra. Inglaterra e França, apoiadas pelos EUA, passaram a impor-se perante a Aliança. A França, principalmente por terra, e a Inglaterra por mar, onde formou um cerco ao comércio alemão, isolando-o. Esse isolamento custou à Alemanha a vida de milhões de civis, pois, com os centros industriais arrasados pelos bombardeios e a atividade comercial impossibilitada, a fome e a miséria tomaram conta do país. Diante dessa situação, a Alemanha não pôde fazer nada a não ser capitular.

Com a capitulação veio a humilhação alemã. Apesar das tentativas do presidente Wilson de abrandar as penas impostas aos alemães, os franceses redigiram um documento no qual culpavam a Alemanha pela guerra e exigiam uma enorme indenização, impossível de ser paga com a economia alemã em frangalhos, além da mudança de governo, da monarquia para a república, e a proibição de formação de forças armadas.

O Tratado de Versalhes mostrava-se uma vingança francesa pela derrota sofrida décadas antes e feria o orgulho dos alemães, além de

afundá-los ainda mais na crise financeira. O Império Austro-húngaro se desintegrara e seus fragmentos lutavam pela reabilitação econômica e pela afirmação mundial. França e Inglaterra saíram vencedoras e com moral, mas com as economias abaladas e dependentes dos EUA. A Itália saiu da guerra sem compensações territoriais nem financeiras, o que fez com que o partido fascista italiano ganhasse terreno já em 1920 com o descontentamento populacional.

Para controlar os interesses das grandes potências, foi criada a Liga das Nações, que logo começou a definhar com a saída dos EUA e seu isolamento diplomático. A Rússia já estava isolada desde a revolução de 1917, quando se voltou para os problemas internos e para a consolidação do socialismo, que no Ocidente era visto como uma ameaça.

Portanto, de maneira contraditória, os problemas diplomáticos e a diretriz do poder mundial continuavam centrados na Europa, onde a diplomacia buscava acabar com conflitos étnicos nos países recém-formados, e as duas potências, França e Inglaterra, lutavam para controlar a Alemanha, com o temor de uma nova guerra.

A economia mundial, por outro lado, ficou nas mãos dos EUA. O dólar era a moeda forte e sua variação ditava os rumos da economia. A Europa detinha ainda o poder cultural, mas economicamente, também, se mostrava à mercê dos EUA. As indústrias americanas produziam ainda com a mesma – senão com maior – intensidade que durante a guerra. Porém, a realidade era outra e já não havia mais mercado para tantos produtos. Essa superprodução gerou uma crise econômica interna e fez com que a Bolsa de Valores de Nova York quebrasse, levando consigo todos os países do bloco capitalista.

O mundo pré-Segunda Guerra – a crise de 29 e a situação dos principais países

O mundo entrava numa crise e o sistema capitalista esteve próximo do colapso. Os países europeus, que haviam recebido divisas americanas em forma de empréstimos para a reconstrução pós-guerra, viram na evasão do capital americano seu declínio. O desemprego e a miséria tomaram conta da Europa, principalmente da Alemanha, que já não encontrava meios de se sustentar. A população buscava na política novas esperanças e salvadores, e esta se dividiu em duas correntes: os comunistas, inspirados no equilíbrio que a URSS mostrava; e os fascistas, que se espelhavam no exemplo italiano e pregavam o nacionalismo e o ressurgimento alemão como uma grande potência. Prevaleceu a força fascista, levando Hitler e o partido nazista ao poder.

A crise que se abateu sobre o mundo delineou uma nova ordem mundial. A URSS fora o único país a não sofrer com a crise, graças a seu isolamento e ao regime socialista. Com isso, os soviéticos dependiam apenas deles para se manterem economicamente e, a partir da ascensão de Stalin, a industrialização cresce bastante, apesar de conquistada através de trabalhos forçados e miséria, mas, aos olhos capitalistas, a URSS mostrava-se opulente.

A Alemanha, depois da moratória Hoover, que a isentava de pagar as indenizações de guerra (o que irritou profundamente os franceses), volta-se para a recuperação de sua indústria e o fim do desemprego e da miséria. Seguindo o modelo italiano, o Estado alemão se encarregou de “abastecer” a população e criar empregos em obras públicas e na remilitarização. Apoiados nas teorias de superioridade da raça germânica e no revanchismo por Versalhes, os alemães

ressuscitaram a economia, transformando-se em 1935-36 novamente numa potência, criando uma máquina de guerra impressionante, com armamentos modernos e treinamentos eficazes.

Ao contrário, França e Inglaterra não sofreram tanto com a depressão, tinham moedas fundadas no padrão-ouro e uma industrialização regular. A França foi menos afetada pela crise, pois não era tão dependente do mercado internacional quanto a Inglaterra, porém, a partir de 1933, a economia francesa entra em crise. O franco se desvalorizava tentando manter o padrão-ouro, enquanto os outros países o haviam abandonado. As importações caíram 60% e as exportações cerca de 70%. Suas indústrias estagnaram e o poderio bélico francês estava ameaçado num momento em que a Alemanha se mostrava muito mais perigosa.

A crise de 29 fez ressurgir os nacionalismos e fascismos, precursores da Segunda Guerra Mundial

A indústria inglesa sofria de um mal muito semelhante, e a produção bélica se estagnara. Além da inferioridade bélica que era evidente entre esses países em relação à Alemanha, havia o temor, ainda latente, de uma nova guerra e das perdas por ela ocasionadas. Isso era observável na política apaziguadora de Chamberlain que, para evitar um novo conflito, acatava as exigências de Hitler, cedendo os Sudetos e aceitando a unificação da Alemanha com a Áustria, o que melhorou a condição econômica alemã. Essa política só muda com a deflagração da guerra e a substituição do primeiro-ministro inglês por Churchill.

O Japão aparecia como grande potência asiática, uma industrialização crescente e uma moeda forte e dominante no oriente. O poderio

bélico era renovado constantemente, servindo também como escapamento para a crise e levando o Japão à conquista de um império, a começar pela Manchúria. Seu domínio no Pacífico incomodava os EUA e a URSS. De aliado na Primeira Guerra, o Japão passou a “inimigo das democracias ocidentais”.

Os americanos, após a opulência conquistada no pós-guerra, viam sua economia em decadência após o crash de 1929. Para se reerguer, os EUA se isolaram e adotaram algumas medidas influenciadas pelo keynesianismo. Esse conjunto de medidas foi chamado de New Deal. Com a implantação desse plano por Roosevelt, inicia-se a era do neocapitalismo ou capitalismo keynesiano, baseado na intervenção do Estado na economia, em lugar do liberalismo de Adam Smith. Com base nisso, o presidente americano aumentou as emissões monetárias, inflacionando o sistema, fez investimentos estatais de monta, proporcionou a realização de inúmeras obras públicas, estimulou uma política de pleno emprego entre outras medidas, o que ativou o consumo e possibilitou a progressiva recuperação da economia. Em 1939, o país já contava com uma economia quase tão forte quanto em 1929, e com a guerra ela viria a se fortalecer ainda mais.

A Segunda Guerra

Em 1.º de setembro de 1939, contrariado nas suas exigências quanto à Polônia, Hitler ordena sua invasão. Apoiada por um pacto de não-agressão com os soviéticos e contando com a Itália e Japão como aliados, a Alemanha se lança numa guerra total, na qual, em apenas seis meses, já contava com domínios da França até a Polônia. Apesar do despreparo da Itália e da demora do Japão em avançar na guerra, os alemães empregaram uma política expansionista que assustava as demais potências. A Inglaterra,

em 1941, pela primeira vez via a possibilidade real de ser invadida e de seu território africano, principalmente o Egito, ser tomado pelos exércitos do Afrika korps de Rommel.

Todas essas conquistas transformaram a Alemanha na principal potência em 1941, e fazia parecerem reais todas as teorias de superioridade germânica, da invencibilidade alemã e as promessas do Reich de mil anos. A crença nessas idéias custou caro a Hitler. Passou a ser despendida uma quantidade razoável de capital na eliminação das “raças inferiores”, principalmente os judeus. Para sustentar a indústria, tornou-se necessária a conquista de novos territórios. Diante da resistência inglesa no ocidente, a Alemanha voltou seus exércitos para o leste e, em junho de 1941, desrespeitando o pacto de não-agressão, invadiu a URSS. As consecutivas vitórias alemãs faziam crer que os soviéticos capitulariam rapidamente, porém Stalin formou em Stalingrado uma feroz resistência, forçando os alemães a ficarem em território soviético até o inverno. Sem equipamentos próprios para enfrentar o frio e já sem reservas humanas e bélicas, os alemães passam a perder sucessivas batalhas, caindo assim o mito da invencibilidade nazista.

Ainda em 1941 ocorre outro fato que mudaria o rumo da guerra. Os japoneses, buscando saciar sua sede imperialista, atacam em dezembro a base naval de Pearl Harbor, forçando os americanos a entrarem na guerra. Tal fato era esperado, pois os japoneses estavam expandindo seu território no Pacífico e os americanos já ajudavam com o fornecimento de armamento e alimento aos aliados. Com a declaração de guerra, a indústria americana alcançou índices estratosféricos se comparados aos das outras potências. Isso pode ser verificado ainda no ano de 1942, quando em janeiro as despesas de guerra americanas foram de U\$ 2.230.000.000 e em agosto mais que dobrara, com U\$ 5.182.000.000.

Essa grande produção industrial, aliada à grande reserva de contingente soviética, fez com que os aliados passassem a planejar grandes investidas contra a Alemanha. Como na Primeira Guerra, parecia que o mundo ia de encontro à Alemanha. Inclusive países periféricos, como os da América Latina, declararam guerra e auxiliaram os aliados com a exportação de gêneros alimentícios e minérios. O Brasil foi mais além, enviou um corpo expedicionário, sob o comando do marechal Mascarenhas de Moraes, para combater na Itália, onde ajudou o 5.º Exército Americano a varrer as forças nazistas.

Na frente ocidental e na África, os aliados, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, marchavam em direção à Berlim desde o dia D, o dia do desembarque aliado na Normandia. Já na frente oriental, os exércitos vermelhos, com seus enormes contingentes, empurravam os nazistas para dentro de suas fronteiras. Desgastados e debilitados pela duração da guerra, os alemães não conseguiam sustentar a guerra em duas frentes. Diante do fracasso alemão em construir um império de 1.000 anos e com os exércitos aliados às portas de Berlim, Hitler se suicida e a Alemanha se rende.

Com a Europa livre do nazi-fascismo restava ainda a luta contra o Japão. Os EUA lançaram todas as suas forças contra os nipônicos, culminando com as duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Arrasados, os japoneses também capitulam.

A nova ordem mundial do pós-guerra

O fim da Segunda Guerra trouxe uma nova ordem mundial que já vinha sendo traçada durante a guerra, nas reuniões entre os líderes aliados. Os relatórios dos planejadores militares americanos denunciavam:

A conclusão bem-sucedida da guerra contra nossos atuais inimigos encontrará um mundo profundamente mudado, no que se relaciona com as forças militares nacionais relativas, uma modificação realmente mais comparável com a provocada pela queda de Roma do que com qualquer mudança ocorrida nos 1.500 anos que se sucederam (...) depois da derrota do Japão, os Estados Unidos e a União Soviética serão as únicas potências militares de primeira grandeza. Isto se deve, em ambos os casos, a uma combinação de posição e extensão geográficas e a um grande potencial de municiamento (MATLOFF, citado por KENNEDY, 1998, p. 342).

Potências como Itália e França perderam sua força e assumiram posições secundárias no cenário mundial. A Inglaterra continuava como “líder da Europa”, status garantido pelo seu império, mas em três décadas esse trunfo se perderia. A Alemanha, derrotada, viu seu território se dividir em dois (uma parte socialista e outra capitalista) e sua capital, Berlim, ser dividida em quatro zonas de proteção, cada uma administrada por uma potência (URSS, EUA, Inglaterra e França). Sua economia se encontrava arrasada, assim como a da maioria dos países europeus, e, para restabelecê-las, a Europa foi dividida em duas: a Europa Ocidental, sob a “proteção” americana e recebendo capital do “Plano Marshall”, o plano americano para a reconstrução européia, e a Europa Oriental, controlada pela URSS e adotando as regras soviéticas e o regime socialista.

Essa nova divisão do mundo precisava de um órgão, à imagem da Liga das Nações, que gerenciasse a dinâmica da política mundial; foi criada então a ONU, Organização das Nações Unidas, com esse objetivo. As duas grandes potências militares da nova ordem se preparavam para um novo conflito mundial, o que resultou, por exemplo, no Pacto de Varsóvia e na OTAN, além de ter gerado a Guerra Fria, onde EUA e URSS se defrontavam em guerras menores, como na

Coréia e no Vietnã, tentando demonstrar um ao outro a superioridade militar.

A economia do pós-guerra trazia no leste o sistema socialista, fechado ao Ocidente, e a oeste o capitalismo, onde os americanos garantiram sua hegemonia com os vários acordos internacionais firmados entre 1942-46, pelos quais foram criados o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Assim, os países que quisessem melhorar ou desenvolver sua economia viam-se obrigados a recorrer aos empréstimos e financiamentos desses órgãos e, indiretamente, aos EUA.

Conclusão

As duas guerras mundiais delinearam, portanto, toda a economia do “breve século XX”.² A hegemonia de dois blocos econômicos concorrentes, derivados desses conflitos, trouxe a disputa pelos países periféricos. Muitas vezes a disputa extrapolou o campo político-econômico

e passou ao campo militar, tornando, assim, o século passado o mais violento da história.

Para o Ocidente, pode-se concluir que as guerras mundiais trouxeram o domínio americano capitalista, com raríssimas exceções. Para os países do “Terceiro Mundo”, a subordinação ocasionou grandes problemas, como a fome, a miséria e a impossibilidade de desenvolvimento, ocasionada pela exclusão de seus produtos do mercado e pela dependência tecnológica. O desenvolvimento capitalista ocasionou uma nova corrida em busca de mercados consumidores, matérias-primas e mão-de-obra barata, não sendo dessa vez liderada pelos Estados, mas sim pelas empresas multinacionais.

Enfim, a respeito de um século dominado pela violência e pela busca de capitais, podemos afirmar que a principal herança para o novo século é a necessidade da busca de maior justiça social, de melhor distribuição das riquezas e de pleno desenvolvimento econômico, agora sob a égide de apenas uma megapotência: os EUA.

² Definição de Eric Hobsbawm, eminente historiador inglês que defende que o início do século XX ocorreu em 1914, com o advento da Primeira Guerra Mundial, e que o fim se deu com o colapso soviético, em 1989.

Referências

Periódicos

REVISTA EM GUARDA. Nova York: Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, 1942-45.

REVISTA HISTÓRICA: QUESTÕES E DEBATES. Curitiba, UFPR, 1989.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 1942-45.

A TARDE. São Paulo, 1917.

Não-Periódicos

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. O Brasil na Segunda Guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

GOODSPEED, D. J. Ludendorff. Rio de Janeiro: Bibliex e Saga, 1968.

HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOBBSAWM, Eric. A era dos impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

IEREMEEV, Leonid. O exército soviético na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Revan, 1995.

KENNEDY, Paul. Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MARTINS, Mário. Hitler guerreia o Brasil há dez anos. Curitiba: O Dia, 1934.

SOUZA, Roberto de Mello. Mina R. Rio de Janeiro: Record, 1985.

SUVOROK, Viktor. O exército soviético por dentro. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ZHILIN, P. La gran guerra patria de la unión soviética – 1941-1945. Moscow: Progreso, 1985.